



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL – UAB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE
CURSO DE PEDAGOGIA

JOVELINA VIEIRA LIMA NETA

**DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM: FATORES E
PROBLEMAS QUE CONTRIBUEM PARA O FRACASSO
ESCOLAR**

CARINHANHA- BA
2013

JOVELINA VIEIRA LIMA NETA

**DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM: FATORES E
PROBLEMAS QUE CONTRIBUEM PARA O FRACASSO
ESCOLAR**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia pela Faculdade de Educação – FE da Universidade de Brasília – UnB.

**CARINHANHA – BA
2013**

NETA, Jovelina Vieira Lima. Dificuldade de Aprendizagem: fatores e problemas que contribuem para o fracasso escolar, Carinhanha – BA, Dezembro de 2012. 70 páginas. Faculdade de Educação – FE , Universidade de Brasília – UnB .

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Pedagogia.

FE/UnB-UAB

DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM: FATORES E PROBLEMAS QUE CONTRIBUEM PARA O FRACASSO ESCOLAR

JOVELINA VIEIRA LIMA NETA

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia pela Faculdade de Educação – FE da Universidade de Brasília – UnB.

Professora Orientadora: Vera Aparecida de Lucas Freitas

Membros da Banca Examinadora:

Marcelo Fabiano Rodrigues

Edinei Carvalho dos Santos

DEDICATÓRIA

A todos os professores que contribuíram ao longo do curso, em especial às professoras Vera e Elidiani que me conduziram até o presente momento.

Aos meus amados filhos, Vanessa e Marcos Joab, que sempre me dão inspiração para a busca da realização dos meus sonhos.

Aos meus pais que, desde a minha infância me incentivaram.

Aos meus irmãos Adailton e Silvia, em especial à Wanuza, minha mana querida, que mesmo distante sempre teve uma palavra amiga nos momentos difíceis.

À todas as pessoas que se esforçam para se tornarem pessoas melhores com relação ao outro, e que veem na educação uma porta para a construção de um mundo melhor.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela minha vida, pela vida das pessoas que me incentivaram, pela oportunidade da realização deste sonho e por ter me dado forças para superar todos os obstáculos que surgiram durante o percurso, pois jamais duvidei da sua presença ao meu lado.

Aos meus pais que me incentivaram sempre acreditando no meu êxito .

A minha irmã Wanuza pelas palavras de incentivo.

A todos os professores, pelo compromisso, atenção e dedicação ao longo do curso; sem vocês não teria chegado... Em especial as professoras Vera e Elidiani que me conduziram na conclusão desse sonho.

A Edilene (tutora presencial) com quem aprendi os primeiros passos na educação a distancia.

A Leila Cássia e a Darlene (tutoras presenciais) por todo incentivo e colaboração na finalização do trabalho.

A Ivete, (bibliotecária) pelo carinho e apoio.

A Maria de Lourdes (coordenadora de polo) pelo compromisso e seriedade no seu trabalho.

Aos colegas e amigos, em especial à Maria Joaquina, com quem dividi as angústias, dúvidas e contentamentos ao longo do curso.

Á todos que contribuíram direta ou indiretamente para que eu pudesse concretizar este sonho.

A todos, o meu muito obrigada!!!

“A clareza dos determinantes sociais da educação, a compreensão do grau em que as contradições da sociedade marcam a educação e, conseqüentemente, como é preciso se posicionar diante dessas contradições e desenredar a educação das visões ambíguas, para perceber claramente qual a direção que cabe imprimir à questão educacional.”

Dermeval *Saviani*

RESUMO

A presente monografia é resultado de uma pesquisa qualitativa que conjugou observação participante e estudo bibliográfico focado no fenômeno do fracasso escolar. Além disso, foram utilizados questionários em uma pesquisa de campo realizada em uma escola pública de uma cidade localizada ao sudoeste da Bahia no período de 2012, objetivando identificar fatores que geram dificuldades no processo de ensino/aprendizagem dos alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental. A aplicação dos questionários realizou-se com a participação de 25 colaboradores que contribuíram para a realização desta investigação. Entre eles, participaram alunos, pais, professores e a gestora da escola. Os questionários foram importantes para ajudar a esclarecer a realidade da escola pesquisada e forneceram elementos relevantes para o alcance de melhor resultado no espaço e dos sujeitos pesquisados. Como referencial teórico, algumas obras de cunho psicoeducacional foram utilizadas para subsidiar a temática, entre elas: Arroyo (2000), Patto (1999), Mannoni (1988), Aquino (1996), Harper (1980), Collres e Moyses (1996), Bencini (2006), Freire (1990), Morais (1995), Carvalho (2005), e Ferreiro e Teberosky (1999). No tocante aos resultados obtidos, pode-se perceber que as professoras e a gestora apresentam um conceito bem formulado sobre uma educação de qualidade, porém não condizem com a prática pedagógica desenvolvidas na escola. Os demais participantes como alunos e pais demonstraram concepções ilusórias sobre os problemas de aprendizagens, ideias já superadas mediante estudos realizados e concepções dos autores citados, em que se percebe a falta de acompanhamento dos pais na educação escolar de seus filhos.

Palavras-chave: Prática pedagógica, interação família-escola, contexto sociocultural, fracasso escolar.

SUMÁRIO

PARTE I	9
MEMORIAL EDUCATIVO	9
A infância.....	10
Quem sou eu.....	11
Minha Docência.....	12
Minhas conquistas e momentos inesquecíveis.....	14
Minha formação como Pedagoga.....	15
PARTE II	19
ESTUDO MONOGRÁFICO	19
INTRODUÇÃO.....	20
CAPÍTULO 1 – APRESENTAÇÃO DA PESQUISA.....	23
CAPÍTULO 2 - METODOLOGIA.....	25
CAPÍTULO 3: REVISÃO DE LITERATURA.....	29
CAPÍTULO 4 – ANÁLISE DOS DADOS.....	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	55
PARTE III	57
PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS	57
REFERÊNCIAS	60
BIBLIOGRAFIA DE APOIO	63
Apêndices	64

PARTE I

MEMORIAL EDUCATIVO

A infância

O amor recíproco entre quem aprende e quem ensina é o primeiro e mais importante degrau para se chegar ao conhecimento.

(Paulo Freire)

Em 1987, eu iniciava a minha vida escolar, ao completar 7 anos de idade. Lembro-me que em casa com a tradicional cartilha de alfabetização, através dos meus pais e dos meus irmãos mais velhos, eu iniciara o meu processo de alfabetização .

A escola, com duas salas apenas, era recém-construída numa comunidade na zona rural do Município de Carinhanha.

A terceira filha de uma família de quatro irmãos, sempre fui a mais quieta, a mais tímida.

Pois bem, primeiro dia de aula: cadernos e lápis, pé na estrada, a escola era próxima à nossa casa, a turma multisseriada, e a professora só tinha a 7ª série.

Sinto não ter boas lembranças daquela escola, pois foram 5 anos de sofrimento e perseguição, onde o que mais marcou aquela fase tão difícil da minha infância foram as atitudes perversas da minha primeira professora. Eu era perseguida não somente pelos colegas, mas principalmente por ela. Sua metodologia baseava-se na leitura decorada na qual a lição de casa tinha um objetivo: ler para decorar, ler bastante para no dia seguinte repetir para ela sem errar, caso contrário o aluno era castigado.

Lembro-me que, naquela ocasião, apesar de não ter boas recordações da minha primeira professora, comecei então a sonhar me tornando uma educadora, diferente da minha primeira professora que tratava seus alunos com distinção, mas alguém que fizesse diferença na vida escolar de seus alunos, independente da sua história de vida, que ajudasse uma criança a superar seus medos e suas limitações.

É claro que mais tarde vieram outros sonhos, pois comecei a ver a vida de outra forma.

Quem sou eu

“(...) todo amanhã se cria num ontem, através de um hoje (...). Temos de saber o que fomos, para saber quem seremos”.

(Paulo Freire)

O que fui?

Quem sou eu?

Quem contribuiu para que eu me tornasse quem hoje sou?

São questionamentos para os quais ainda busco respostas como forma de compreender a razão pela qual estou aqui, de ser quem sou.

Foi-se a minha infância, os anos “voaram”, mas um pouco das brincadeiras continuaram. Ah! As brincadeiras: Piaget (1977) nos fala que “nas brincadeiras, uma criança age de acordo com sua visão do mundo”. Eu brincava de “faz de conta” em tudo que podia.

Comecei a criar, por meio das minhas representações, personagens para minhas invenções. Minha principal companheira de brincadeira era minha irmã mais nova.

Ao terminar o Ensino Fundamental, fui morar na cidade.

A escola era grande onde aprendi muito com os vários professores, os colegas eram legais e o ambiente diferente, onde pude desempenhar melhor o meu processo de socialização e, apesar das minhas dificuldades fiz grandes amizades às quais conservo até hoje.

Nessa fase, mesmo aos 13 e 14 anos, eu ainda brincava. Brincava de esconde-esconde, pula-corda, casinha, porta-bandeira, e de escolinha e alimentava o sonho de ser professora. Nessa fase também comecei a me interessar muito pelos livros, gostava muito de ler e escrever. Sentia necessidade de ficar sozinha para ler e escrever. Passei a sonhar que seria escritora. Gostava muito de ler romances. Brincava de escrever relatos sobre personagens que eu criava.

O que fui na minha infância? Não gosto de me lembrar dela, tão pouco das pessoas com as quais convivi. Quero a todo custo me livrar daquelas lembranças, quero ser alguém diferente.

Do que gostava? Do que gosto? Vejo-me diante de uma luta para me libertar das recordações de uma infância de momentos tristes.

No entanto, houve também momentos maravilhosos com minha família, momentos que tinha com meus pais e irmãos, pois minha família sempre foi parte de mim.

No Ensino Médio, estudei com professores que marcaram aquela época, na formação do magistério. O professor de Psicologia, sempre dedicado, marcou muito aquela trajetória. Lembro-me da coordenadora de estágio que sempre nos prestigiava e nos preparava para a conclusão do nosso curso. Aos 17 anos me via terminando o ensino médio e tão sonhado Magistério.

Apesar de ser passado, essas lembranças são presentes, pois como diz Freire (1996) “Todo amanhã se cria num ontem”, e eu precisava urgentemente criar meu amanhã. Formatura realizada, por um momento me sentia feliz, porém no fundo, um vazio, algo estava faltando, talvez por não conseguir superar as minhas limitações. Comecei a me questionar se essa era a profissão certa para mim, se ser docente era mesmo o que eu mais queria ou se era apenas um sonho de infância. Senti que precisava me decidir, não via outra oportunidade de estudo e tinha que trabalhar, pois em breve completaria 18 anos.

Minha Docência

A memória é essa claridade fictícia das sobreposições que se anulam. O significado é essa espécie de mapa das interpretações que se cruzam como cicatrizes de sucessivas pancadas. Os nossos sentimentos. A intensidade do sentir é intolerável. Do sentir ao sentido do sentido ao significado: o que resta é impacto que substitui impacto - eis a invenção. (Ana Hatherly, 1988)

Em abril de 1998, fui lecionar em minha primeira turma em uma comunidade há 30 km do município de Carinhanha. A escola que nunca havia funcionado atendia uma só turma com 28 alunos, onde eu tinha que ficar durante a semana e retornar para casa somente no final de semana. Foi uma dura e dolorosa realidade, o fato de estar longe de casa me assustava, entretanto as dificuldades daquela nova experiência nada mais foram para mim que o começo de uma nova jornada.

Reconheço hoje que naquela época não podia sequer imaginar a responsabilidade e o compromisso a que compete o papel do educador.

Hatherly (1988, p.157) expressa sobre o significado e o mapa das interpretações, a importância de nos reconhecermos diante do outro, o nosso papel na sociedade, as responsabilidades, o processo e caminhos percorridos para se chegar onde se quer.

Sei que não trilhei todos os caminhos que desejava, não alcancei todos os objetivos, todavia, sei que a vida nos reserva surpresas.

Naquela localidade trabalhei durante três anos e foi um período muito importante na minha docência, ao mesmo tempo em que também houve mudanças em minha vida pessoal.

Durante sete anos atuei na zona rural do município, foram anos de muita luta, trabalho árduo, muitos transtornos devido a muitos problemas: trabalhando sozinha em uma escola, alunos com diversos problemas familiares, dificuldade de aprendizagem e muita indisciplina.

Sei que não realizei grandes mudanças, todavia fiz o que me foi possível. Hoje, sei que poderia ter feito muito mais na vida daquelas crianças tão carentes de tudo, tão desprovidas de melhores condições de vida, contudo, sei que uma professora, nos seus primeiros anos de atuação, sem curso superior e sem apoio de ninguém pouco pode fazer para ajudar.

Naquela ocasião, participei de um concurso público para a área em que atuo e de um vestibular para a UNEB - Universidade do Estadual da Bahia, mas em ambas não consegui aprovação. Muito decepcionada custei a superar o medo de tentar outros concursos e vestibulares.

Após oito anos de atuação no Ensino Fundamental 1, recebi um convite para lecionar na Educação Especial em uma APAE (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais). Na época, essa ONG tinha vínculo com a Secretaria Municipal de Educação. De imediato pensei em não aceitar, tive receio, mas depois resolvi aceitar como uma oportunidade para enfrentar desafios para melhor desempenho profissional.

Trabalhei naquela instituição durante três anos, mas apesar das dificuldades enfrentadas, foi um período gratificante e de muito aprendizado para mim. Sou grata a Deus pela oportunidade do trabalho dedicado àquelas crianças tão sinceras e carinhosas.

Minhas conquistas e momentos inesquecíveis

“Sucesso é conquistar aquilo que quer. Felicidade é querer aquilo que se conquista”.

Dale Carnegie

Passados mais alguns anos, me inscrevi outra vez no segundo concurso público, e para minha surpresa fui aprovada. Que superação! Nessa mesma época comecei a frequentar uma igreja evangélica que me ajudou muito na superação de conflitos pessoais foi também uma das coisas que contribuiu muito para o meu crescimento em todas as áreas, apesar de ainda ter muito o que aprender para me considerar uma pessoa realizada, conheci pessoas maravilhosas, pessoas companheiras, humildes, afetuosas, amigas e leais.

Em setembro de 2007, minha história ganhava um novo capítulo. Eu havia tentado vestibular pela segunda vez, agora pela UnB (Universidade de Brasília) mesmo acreditando pouco na chance de passar, embora houvesse poucas vagas, havia um fiozinho de esperança, eu não podia deixar passar uma grande oportunidade de estudar em uma das melhores universidades do País.

Ainda hoje, quando penso, me alegro, quando ouvi o meu nome sendo anunciado em meio a tantos outros da lista de aprovados na nossa rádio comunitária. Pulei de alegria. Consegui! Consegui! Sou aluna de uma das melhores universidades deste País!

Queria dividir com todo mundo a minha alegria. Não mais me importo com aqueles que olharam para mim duvidando da minha capacidade. Valeu a pena tentar. Valeu a pena ter sido otimista, ter acreditado em mim, pois “Felicidade é conquistar aquilo que se quer e querer aquilo que conquista.” (CARNEGIE, 2003, p. 62): Agora, determino que irei agarrar com toda força aquilo que é realmente uma conquista .

Minha formação como Pedagoga

“... inacabado, sei que sou um ser condicionado, mas, consciente do inacabamento, sei que posso ir mais além dele”. (Paulo Freire)

Início de curso, muitas ansiedades e preocupações, e como as primeiras impressões são as que ficam lembro-me das primeiras disciplinas e primeiros professores não sendo possível me recordar de todos no decorrer dos cinco anos, mas sei o quanto em cada semestre cada disciplina contribuiu na minha trajetória.

Vale recordar algumas disciplinas: Antropologia da Educação - Estudo da espécie humana – nessa disciplina fiz muitos estudos sobre cultura, muitas leituras, e quantas atividades e pesquisa de campo! Já na disciplina Teorias da Educação, os estudos foram sobre alguns teóricos, lembro-me do quanto foi difícil produzir o primeiro texto com três laudas, recordo-me bem da professora que nos prestigiou com o primeiro encontro presencial do curso, foram tantas expectativas para esse encontro, e como foi significativo!

Na disciplina Perspectiva do Desenvolvimento Humano, os estudos foram sobre as teorias de Piaget, de Vygotsky - Estruturas Cognitivas, Zona do desenvolvimento Proximal, não poderia esquecer, tornar o brincar e o brinquedo como possibilidades no processo de ensino e aprendizagem, as primeiras aprendizagens sobre essas teorias marcaram aquele primeiro semestre tanto no meu desempenho pessoal quanto na minha atuação como docente.

Na disciplina Investigação Filosófica, estudei alguns filósofos: Vygotsky, Piaget, Aristóteles, Comte, Platão, Rogers, Freinet, Wallon, Rousseau, Bourdieu e Foucault entre outros. Ler esses teóricos ajudou-me a compreender e me posicionar diante da realização e do cumprimento do meu dever enquanto aprendiz e educadora no processo educacional.

Lembrando-me do componente curricular Projeto I, não tinha ideia e que seria uma base para se chegar ao Projeto 5 – TCC. Li e escrevi sobre outros teóricos.

Ano de 2008, segundo semestre, as disciplinas foram: Fundamentos da Educação Ambiental, História da Educação, Educando com Necessidades Especiais, Socionomia, Psicodrama e Educação, Organização da Educação

Brasileira, e o componente curricular Projeto II, tiveram um importante significado no início do meu processo formativo, pois já estava mais familiarizada. Nessas disciplinas também realizei muitos estudos sobre teorias educacionais que tiveram importantes contribuições no decorrer desse curso.

No terceiro semestre, as disciplinas foram: Psicologia da Educação - que ampliou um pouco mais os meus conhecimentos sobre a teoria do comportamento humano e seu desenvolvimento social.

Aprendizagem e Desenvolvimento do PNEE (Pessoas com Necessidade Educacional Especial) – que me deu subsídio acerca da inclusão social.

Ensino e Aprendizagem da Língua Materna - que contribuiu enfatizando sobre o reconhecimento da língua padrão, variação linguística e a importância do papel do *professor no incentivo e respeito às diferenças*.

Educação e Trabalho – o trabalho como um princípio educativo e provedor da evolução humana.

E o componente curricular Cultura Organizacional – que trouxe estudos sobre a globalização e valorização das culturas locais.

A partir do terceiro semestre comecei a ter melhor desempenho na realização das leituras e atividades, me sentia mais familiarizada com o curso.

Nessa ocasião, fui transferida da escola para uma creche, sendo minha primeira experiência com crianças pequenas, mais uma vez me senti insegura diante da nova experiência. Contudo, minha atuação naquela instituição durou pouco, lamento não ter realizado um trabalho que marcasse a minha estadia naquele curto período, que foram de apenas seis meses.

Voltei para o Ensino Fundamental e apesar da turma ser constituída por crianças com diversos tipos de problemas, consegui vencer mais uma etapa da minha carreira profissional. Foram poucos meses, porém bastante trabalhosos. Concluí bem esse semestre.

Ano de 2009, engajei bem no quarto semestre. Foi um sucesso o desenvolvimento de todas as disciplinas. No final deste mesmo ano concluí o quinto semestre, motivo para comemorar, apesar das dificuldades enfrentadas.

No início de 2010 comecei o sexto semestre, as dificuldades eram grandes. Alguns colegas desistiram, mas eu determinei que chegaria ao fim dessa luta. Pouco apoio em casa, reclamação do tempo pouco disponível, que estava cada vez mais curto, escola, faculdade, casa, filhos, esposo...

Não posso me esquecer dos encontros presenciais no Polo, que foram de grande aproveitamento e aprendizado em todas as disciplinas, pois foi onde foram afastadas muitas dúvidas, momentos de interação, socialização, afeto e cumplicidade entre alunos, professores e tutores.

Terminado o sétimo semestre do curso, até aqui, tudo bem. Nesse semestre, principalmente no componente Projeto 3, sentia-me mais tranquila com relação ao curso tendo sido aprovada em todas as disciplinas.

Em Janeiro de 2011, iniciava o oitavo semestre do curso. Nessa fase me aprofundi muito mais nos estudos, já desenvolvendo o Projeto 3 – fase 2, Alfabetização e Letramento, e Processo de Alfabetização. Foram duas disciplinas que contribuíram muito na minha atuação como docente.

Ao cursar Projeto 4 - Estágio supervisionado - onde pude estagiar na minha própria turma, comecei a me animar, a pensar no projeto que ia desenvolver com a minha turminha onde sempre falava sobre o meu curso já pensando no trabalho final.

Comecei a ter uma nova visão na educação, na aprendizagem onde o lúdico poderia fazer parte da aprendizagem das minhas crianças. A disciplina Oficina de Formação do professor leitor foi marcante focada no incentivo ao trabalho com as fábulas, músicas, histórias e poemas.

Em março de 2012 foi o início do nono semestre. Preparando-me para o trabalho de final de curso, pude refletir bastante sobre todo meu processo. Foram tantas coisas que aconteceram! Não tenho coragem de dizer que sou uma nova pessoa, apesar de que todas as dificuldades superadas me fizeram dar um enorme passo rumo às minhas realizações. Penso nas inúmeras vezes que me julguei incapaz de concluir esse curso, que muito contribuiu para o que hoje sou, e na minha prática docente.

Já me considero em parte realizada, apesar dos momentos tristes e difíceis em que jamais faltou coragem, otimismo e o desejo de se chegar superando obstáculos mesmo diante do desânimo em algumas vezes, jamais faltou incentivo para não pensar em parar.

A realização do Projeto de Pesquisa com certeza foi uma das atividades que mais contribuiu para a preparação do trabalho final, todavia reconheço que todo processo desde as primeiras disciplinas tiveram a sua importância e deram suporte para chegar até aqui, pois "Mestre não é quem sempre ensina, mas quem de

repente aprende.” (ROSA, 1988, p. 271).

Devemos nos colocar na posição de sempre estar abertos a aprender e crescer enquanto profissional, descobrindo o segredo da sabedoria que é a humildade de perceber a necessidade do conhecimento, especialmente com relação ao outro, para assim poder contribuir na formação de outras pessoas para a formação de uma sociedade mais solidária .

PARTE II

ESTUDO MONOGRÁFICO

INTRODUÇÃO

Na realidade em que vivemos de um mundo bombardeado de informações e constantes inovações, acredita-se ainda que é na educação que se busca novas alternativas, e tenta-se fixar ao ato educativo, que toda educação consiste em estudar e construir um mundo de conhecimento .

Nos últimos anos fala-se constantemente em incorporar no sistema de ensino e a todos os níveis, novos métodos com objetivo de desenvolver uma boa prática capaz de solucionar os problemas educacionais. Entretanto, na realidade das nossas escolas, o que se percebe são os vários problemas relacionados a dificuldades de aprendizagem dos alunos, realidade que tem ocasionado o fracasso escolar.

Diante disso, foi escolhido o tema "Dificuldade de Aprendizagem", um assunto complexo e polêmico com o qual os educadores confrontam-se todos os dias no desenvolver do seu trabalho.

A cada ano, mais e mais alunos são aprovados para o ano seguinte apresentando inúmeras deficiências no seu processo de aprendizagem. Percebe-se que essas deficiências comprometendo o processo de conhecimento do educando, vem interferindo também no bom andamento do cumprimento dos papéis de cada sujeito envolvido no processo educacional, bem como em suas relações, que cada vez mais torna-se retraída.

Sendo assim, em virtude da experiência nesse contexto educacional, esta pesquisa consiste numa reflexão acerca do problema das dificuldades de aprendizagens dos alunos do 4º e 5º ano do ensino fundamental na Escola Municipal Monteiro Lobato no Município de Carinhanha, no sudoeste da Bahia. Motivada pelo estudo dessa problemática buscou-se investigar e analisar fatores que implicam no processo do ensino/aprendizagem dos alunos, quanto ao pouco desempenho da leitura e escrita.

Portanto, abordar sobre o aluno também é o foco deste trabalho que nos remete à relação do aluno com o professor, pois se sabe que o bom relacionamento entre ambos favorece positivamente na aprendizagem dos discentes. Dessa forma, este trabalho visa também analisar essa relação, em que a função do professor é ajudar os alunos no seu aprendizado, buscando o seu êxito e não o seu fracasso.

Nesse ponto de vista, considera-se que os cursos de capacitação que às vezes são oferecidos ao professor, dificilmente tem apresentado resultado positivo, pois na maioria dos casos os professores receberam formação inadequada. Para tanto, os novos métodos que se propõe deve se contextualizar com a educação ideal para determinada escola, adequando com a realidade escolar para atender às necessidades educacionais de seus educandos, pois é papel da educação escolar abordar problemas surgidos no decorrer dos tempos e no meio social.

Outro aspecto desse trabalho é a relação família-escola e o comprometimento dos pais de alunos diante das dificuldades educacionais de seus filhos bem como a situação econômica, social, cultural, e como esses aspectos podem influenciar no processo educacional das crianças.

O compromisso da gestão e equipe administrativa da escola também será foco da pesquisa uma vez que todos os envolvidos na escola fazem parte do processo educativo seja de forma direta ou indiretamente.

Entretanto, tratar o objeto de trabalho e seu público adequadamente, requer relacionar com eles conforme os novos conceitos das relações sociais e como entender as múltiplas dimensões do exercício da cidadania e até que ponto a educação escolar pode afetar a vida educacional e social dos educandos.

Sendo assim, é objetivo deste trabalho refletir sobre a proposta educacional e a participação dos sujeitos envolvidos na educação escolar numa abordagem da prática do sistema de ensino e aprendizagem atual nas nossas escolas para que o nosso sistema de ensino e as instituições escolares percebam que não podem tornar a educação e a escola um lugar onde a educação simplesmente não acontece .

Enfim, para realizar este trabalho, foi feito um levantamento da proposta pedagógica da escola, da prática pedagógica adotada pelos professores, da participação de cada sujeito envolvido no processo. Em seguida, feita a explanação dos dados colhidos, analisados e discutidos, bem como as anotações e registros das observações feitas e os questionários respondidos pela gestora, algumas educadores, pais e alunos.

No primeiro capítulo, é abordado, como já citado, o problema, objetivos e justificativa da pesquisa.

No segundo capítulo, são apresentadas as teorias utilizadas para a coleta e análise de dados, e também os autores com os quais estaremos dialogando. É o

capítulo onde haverá o discurso sobre a perspectiva teórico-metodológica que será adotada para a coleta de registros e informações com base nas observações feitas e questionários respondidos pelos participantes da pesquisa, e também para fazer a análise dos dados com base na teoria das autoras Lüdke e André (1986, p. 11- 3). Ainda nesse capítulo serão explicitadas a metodologia e a abordagem que foi utilizada para a pesquisa.

O terceiro capítulo trata da revisão de literatura em que são citadas as obras sobre o tema na literatura existente de forma geral, incluindo autores clássicos e recentes. Capítulo em que também são descritos os problemas acarretados no que diz respeito ao tema pesquisado.

No quarto capítulo, contam-se os dados brutos e analisados indicando os resultados finais da investigação.

A presente pesquisa apresenta uma investigação e um estudo sobre as dificuldades de aprendizagens no contexto escolar, não pretendendo alcançar todas as definições do problema, que abrange uma infinidade de fatores, mas, desejando compartilhar reflexões sobre o assunto para poder contribuir de alguma forma aos que participam do processo educativo.

CAPÍTULO 1 – APRESENTAÇÃO DA PESQUISA

A presente pesquisa consiste numa reflexão acerca do problema das dificuldades de aprendizagem principalmente de leitura e escrita dos alunos do Ensino Fundamental da Escola Municipal Monteiro Lobato no município de Carinhanha.

Problema

Que fatores ou conjunto de fatores estariam implicados no processo de ensino/aprendizagem de alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental de uma escola pública, onde o fracasso escolar é cada vez mais evidente?

Objetivos

Geral

Identificar fatores que geram dificuldades no processo de ensino/aprendizagem de alunos dos anos iniciais do ensino fundamental da escola pública onde se realizou esta investigação.

Específicos

- Observar as estratégias pedagógicas aplicadas pelos professores no processo ensino-aprendizagem na turma observada;
- Investigar como a participação da família dos alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem influencia no seu sucesso/fracasso escolar;

Asserção

Professores bem formados que planejam adequadamente suas atividades obtêm melhores resultados do que aqueles que carecem de boa formação e que não

têm como planejar melhor suas atividades.

Subasserções

- Estratégias didático-pedagógicas que não levam em conta os conhecimentos anteriores do aluno, e que são inadequadas ao ensino dos conteúdos aplicados contribuem para aumentar a dificuldade no processo de ensino-aprendizagem;
- A participação da família na vida escolar de seus filhos é essencial para ajudá-los no desenvolvimento de seu processo de aprendizagem;

Justificativa

Almejando investigar as dificuldades de aprendizagens de alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental, que são cada vez mais evidentes, este estudo focalizou as questões sobre fracasso escolar, com a intenção de disponibilizar um trabalho que possam auxiliá-los a compreender e avaliar a situação em foco.

Assim, essa pesquisa visa contribuir para identificar quais são os fatores que interferem no processo da aprendizagem de leitura e escrita dos alunos, focalizando estudos direcionados ao caminho de possível resposta, visando ao melhoramento do processo de ensino-aprendizagem dos alunos .

O estudo teve por objetivo pesquisar as práticas pedagógicas de professores de forma específica, focando teoria estudada e prática no contexto, levando em consideração os dados coletados e observando as ideias no campo de pesquisa. Com o melhoramento do processo de ensino/aprendizagem, poderão surgir novas estratégias e um novo perfil de profissionais da educação que contribuirão para transformá-la e formar o aluno para que possa ser capazes de lutar para construir sua trajetória de vida com dignidade.

Sendo assim, pode-se chegar à conclusão de forma convicta de que este trabalho pode contribuir muito para os que de alguma forma participam do processo educativo lidando com as dificuldades encontradas ao longo do percurso.

CAPÍTULO 2 - METODOLOGIA

2.1- Procedimentos de coleta

Este trabalho foi desenvolvido com base na consulta de várias obras que tratam do tema “Dificuldade de Aprendizagem: Fatores e problemas que contribuem para o fracasso escolar” Foram consultadas, dentre elas, Patto (1999), Mannoni (1988), Aquino (1996), Harper (1980), Collres e Moyses (1996), Bencini (2006), Freire (1983, 1987, 1996), Morais (1995), Carvalho (2005) e Ferreiro e Teberosky (1999) . Além da consulta feita aos autores citados, foram utilizados os métodos de observação participante na escola pesquisada e aplicação de questionários em um grupo de sujeitos colaboradores, dentre eles professores, alunos, gestora da escola e pais, com o objetivo de tentar compreender e interpretar o problema pesquisado.

A observação foi feita durante todo o processo de investigação do ambiente pesquisado, pois como membro do grupo docente da instituição foi fácil utilizar essa técnica de forma que auxiliou muito na obtenção de informação e dados da ocorrência espontânea dos fatos, para estudo e compreensão do contexto pesquisado.

Foi observado além do ambiente das salas de aulas, também o comportamento e relações entre as pessoas que trabalham fora delas como nos momentos de recreio, e momentos de entrada e saída dos alunos na escola.

Embora a abordagem desta investigação tenha sido qualitativa, foi também utilizado questionários para garantir uma maior confiabilidade à pesquisa, tornando-a empírica. Franco (1985) declara que na abordagem basicamente quantitativa, o pesquisador se limita à descrição fatural deste ou daquele evento, ignorando a complexidade da realidade social, o que não é o caso.

A aplicação dos questionários deu-se com questões abertas e fechadas para docentes (onde também a própria pesquisadora compõe esta equipe), alunos, pais de alunos e a gestora da escola.

Neste propósito, os procedimentos de coleta foram desenvolvidos com base na teoria de Lüdke e André (1986, p.26) que relatam que a observação ocupa um lugar privilegiado nas novas abordagens de pesquisa educacional e possibilita um contato pessoal e estreito do pesquisador com o fenômeno pesquisado. Da

mesma forma Barros (1990, p. 76) relata que “A observação é uma das técnicas de coleta de dados imprescindível em toda pesquisa, pois observar significa aplicar atentamente os sentidos a um objeto para dele adquirir um conhecimento claro e preciso”.

Portanto, as técnicas de observação “são extremamente úteis para descobrir aspectos novos de um problema, da mesma forma também os questionários que por motivo de melhor comodidade para os participantes da pesquisa foram escolhidos, fornecendo assim, dados importantíssimos, onde a última autora citada relata sobre a grande vantagem do questionário que segundo ela é a possibilidade de abranger um grande número de pessoas na pesquisa”. (BARROS, 1990,p. 74).

2.2 - Procedimento de análise

Para análise e discussão do problema e considerando as asserções em estudo, as mesmas autoras, Ludke e André (1986), são citadas analisando os dados referentes à relação sujeito e realidade, buscando conhecer os conceitos à luz do referencial teórico e também refletir acerca dos questionados utilizados como instrumentos de coleta para verificar o que ocorre no interior do *locus* pesquisado. Seguindo a linha de pensamento das autoras Lüdke e André (1986), que definem esse tipo de pesquisa como uma forma de compreender a realidade, permitiu-se a análise dos dados de forma diferenciada, reconhecendo a complexidade das relações humanas.

Dessa forma, percebe-se que os autores caracterizam a pesquisa qualitativa, como procedimentos para a coleta de dados, a partir de vivências, ideias e práticas pedagógicas que permitem uma relação com o local de estudo e os sujeitos envolvidos, utilizando o ambiente como fonte direta dos dados, havendo um contato dinâmico e direto entre quem pesquisa e quem é pesquisado, permitindo ao pesquisador desenvolver compreensões, e não explicações e visões isoladas.

2.3 - Contextualização da escola

A instituição do campo de pesquisa é uma unidade educacional da rede pública municipal localizada na Avenida Santos Dumont no centro da cidade de

Carinhanha, na Bahia. É uma escola bem pequena de apenas duas salas de aula, uma secretaria/diretoria, um laboratório de informática, uma cantina, uma despensa, dois banheiros e um pátio.

Desde as suas características físicas, a escola demonstra aspectos de carências quanto à conservação e preservação do prédio, há necessidade de uma boa reforma e ampliação para que possa atender seus alunos com mais comodidade.

Com apenas quatro turmas, a escola possui um total de 120 alunos, duas turmas matutinas de 5º ano e duas vespertinas de 4º ano composta por cerca de 30 alunos em cada classe se tornando numerosas para essa faixa etária.

Grande parte dos alunos é oriunda de famílias carentes, vindos da zona rural, filhos de agricultores, pescadores, carvoeiros, pequenos comerciantes, domésticas, funcionários públicos e outros que sobrevivem de programas governamentais. Grande parte dos pais desses alunos não é alfabetizada, outra parte compõe-se de analfabetos funcionais.

O corpo docente da escola é composto por quatro professoras, duas possuem nível superior, uma (a pesquisadora) superior incompleto e a outra o magistério básico.

Não há coordenadora pedagógica, não tendo, portanto, um profissional para orientação, há somente uma monitora de informática, e na administração a diretora e uma secretária.

Segundo a gestora da escola, que também é participante como sujeito colaborador desta pesquisa, “o PPP da escola é pensado, organizado e desenvolvido perante as necessidades das turmas” e relatou que a estrutura pedagógica curricular é feita com base nos PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais). Foram também participantes desta pesquisa três professoras, onze alunos e dez pais de alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem.

2.4 - Perfil dos colaboradores

A pesquisa contou com 25 sujeitos colaboradores: a gestora da escola, uma professora do 4º ano, duas professoras do 5º ano, dez pais de alunos e onze alunos, totalizando 25 colaboradoras. Segue abaixo a descrição dos perfis dos sujeitos colaboradores desta investigação:

A gestora da escola tem 36 anos, possui nível superior incompleto, atua na Escola Municipal Monteiro Lobato há dois anos, onde trabalha 40 horas semanais; tem 7 anos de gestão e 14 anos de experiência em educação.

As professoras entrevistadas foram três:

Professora 1: Renata (nome fictício), 44 anos de idade, formada em Pedagogia há 6 anos e pós graduada em Psicopedagogia há 3 anos. Atua com turmas de 4º ano, trabalha 40 horas semanais. Tem 25 anos de experiência em docência no Ensino Fundamental.

Professora 2: Maria (nome fictício), 49 anos de idade, formada em Pedagogia há 5 anos. Atua com turmas de 5º ano, trabalha 20 horas semanais. Tem 30 anos de experiência em docência no ensino fundamental.

Professora 3: Miriam (nome fictício), 48 anos de idade, formada em Magistério básico. Atua com turmas de 5º ano, trabalha 20 horas semanais. Tem 30 anos de experiência em docência no ensino fundamental.

Os demais entrevistados foram:

Alunos: 6 meninos e 5 meninas com idade entre 9 e 12 anos, cursando entre 4º e 5º ano, são filhos de famílias carentes, alguns vindos da zona rural.

Pais: 2 pais e 8 mães com idade entre 30 e 51 anos.

Quanto à formação: Um dos pais e quatro mães possuem apenas o ensino fundamental incompleto, não sendo totalmente alfabetizados. Um pai e uma mãe possuem o ensino médio incompleto. Duas mães possuem o ensino médio completo e uma mãe possui o ensino superior completo. Um pai é pedreiro e um, pescador. Sete mães são domésticas e uma mãe é professora. Nove desses pais contam com ajuda de programas governamentais, porque todos são famílias de baixa renda e de situação socioeconômica desprivilegiada.

CAPÍTULO 3: REVISÃO DE LITERATURA

3.1 - Concepção sobre o fracasso escolar

Deparar com as dificuldades de aprendizagens nos dias de hoje, tornou-se a realidade da maioria das escolas públicas, embora algumas vezes deparamos com alguns alunos bem sucedidos que aprendem com maior facilidade. No entanto, grande parte do público dessas escolas são questionadas pelo fato de não apresentar bom desempenho no seu processo educacional, e o professor muitas vezes se sente impotente diante do problema que em muitas classes a situação é generalizada. Conforme expressa Bencini (2006, p.40), pode-se perceber que:

O quadro da educação brasileira (sobretudo a pública) é desanimador. Crianças de 5ª série não sabem ler nem escrever, salários baixos para todos os profissionais da escola e equipe desestimulante, família desinteressadas pelo que acontece com seus filhos nas salas de aula, professores que fingem que ensinam e alunos que fingem que aprendem.

Esta é uma realidade que integra o fracasso da escola pública. Para tanto, já há algum tempo, esse assunto, que é polêmico e complexo, vem sendo debatido entre os educadores de hoje que têm enfrentado diversos problemas no desenvolver do seu trabalho que, apesar das dificuldades de aprendizagem, tem apresentado outros problemas como a indisciplina e a violência na sala de aula.

Da mesma forma, alunos são aprovados para o ano seguinte apresentando inúmeras deficiências no seu processo de aprendizagem, ocasião em que a evasão e a repetência tornam-se uma realidade. As relações e o cumprimento dos papéis de cada sujeito no processo educacional são cada vez mais retraídos, comprovando a ausência das famílias na escola.

A escola, nessa realidade apresenta-se distante do “ideal” para sua clientela. É como se o público de classes populares se restringem à “escola ideal”. Para esses alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem nota-se grande defasagem em relação a outros mais adiantados resultando isso em evasão e fracasso escolar.

Entretanto, sabe-se que a escola ideal requer relacionar o seu público adequadamente conforme os novos conceitos das relações sociais para entender as múltiplas dimensões do exercício da cidadania, e compreender até que ponto a educação escolar pode afetar a vida escolar e a social dos educandos, ou vice-

versa, pois é comum ouvirmos que muitas vezes a escola vai mal por causa do contexto social em que está inserida.

Nessa visão, expressa Arroyo (2000, p.17):

falar em cultura escolar é mais do que reconhecer que os alunos e profissionais da escola carregam para esta suas crenças, seus valores, suas expectativas e seus comportamentos, é reconhecer que há uma cultura materializada na escola que termina por se impor à cultura individual e que interage conflitivamente, e leva à construção de significados e crenças sobre o fracasso e o sucesso, tanto nos professores quanto nos alunos. Não apenas alunos, professores, técnicos e gestores justificam e legitimam suas crenças e condutas nessa cultura escolar; também a pedagogia, a didática e as ciências auxiliares legitimam suas concepções elitistas, seletivas e excludentes dessa pesada cultura. O fracasso escolar também tem sido uma temática importante para o campo dos estudos culturais. A relação entre fracasso escolar e diversidade cultural tem sido pesquisada atualmente pelo campo curricular.

Sendo assim, na visão do autor, a própria escola tem se mostrado geradora da exclusão social onde sua pedagogia tem se apoiado em métodos fundamentados na cultura elitista, restando às classes populares se adaptar, condição que caracteriza a exclusão social, pois essas pessoas são obrigadas a se despir das suas particularidades para tentarem se adaptar ao modelo, ou nova cultura imposta pela escola.

Por outro lado, para o autor o termo fracasso escolar sempre esteve presente na história da educação brasileira, desde as velhas concepções que explicam como algo externo ao processo de ensino e à sua organização. A mesmo, expressa sua preocupação sobre a temática do fracasso e a forma como isso continua sendo encarado, pois esse termo também se refere à Privação Cultural, uma abordagem das carências sociais e nutricionais dos alunos e suas famílias, que resultaram em programas como o da Educação Compensatória, que ainda estão presentes em nosso meio.

Segundo Arroyo, essas abordagens, embora há muito tempo superadas no discurso, entende-se que hoje, embora em tempos considerados pós modernos, grande parte do fracasso escolar está na própria escola, e em seus fatores internos e externos que se impõe à competência profissional e à prática pedagógica, fatores estes gerados pela cultura escolar. (ARROYO, 2000, p.12).

Nesse mesmo discurso expressa Sawaya (2005, p. 200).

Os problemas escolares que resultariam em fracasso se devem a uma disparidade cultural entre os padrões de classe média que organizam as práticas e as concepções da escola e aqueles apresentados por essas

crianças, Na expectativa de um aluno ideal que não se encontra entre os alunos de classes populares(...) A escola despreparada para dar conta das diferenças existentes nessas crianças possuidoras de ritmos de aprendizagem diferentes.

Diante disso, é percebido que a realidade das escolas públicas em que a discussão gira em torno da escola ruim, de professores despreparados, alunos de famílias desestruturadas, seja fruto da carência cultural como enfatiza Arroyo (2000), pois se os alunos não tem em casa nenhum incentivo, e pior que isso, a escola não reconhece sua cultura, esses alunos são forçados a ignorar sua linguagem, valores e costumes, provavelmente são aspectos que evidenciam o preconceito e a diferença de classes. .

Desse modo, Patto (1999) citada por Asbahr e Lopes, no artigo “A culpa é sua”, sobre o fracasso escolar, escreve:

A concepção de fracasso escolar apoia no preconceito contra pobres e negros trazidos pelas chamadas “teorias raciais” do século XIX, e que chegaram ao Brasil no fim do Império, essa ideia continua fortemente presente no dia-a-dia das escolas, na mente de professores, pais e até mesmo dos próprios alunos. Para isso contribuiu uma versão mais sutil do racismo científico: a chamada “teoria da carência cultural”, produzida nos Estados Unidos nos anos 60 e 70, em resposta aos movimentos reivindicatórios das minorias norte-americanas e muito bem recebida no Brasil, a partir dos anos 70. Elaborada no país que têm a mobilidade social e a igualdade de oportunidades como princípios, mas que não consegue garantir igual acesso e permanência na escola a todos, tal teoria buscou justificar a inferioridade escolar e profissional a que está condenada grande parcela da população pobre e negra (Patto, 1999).

Diante dos relatos dos autores, ao que se referem sobre a privação cultural a qual é difícil imaginar alguns anos atrás, a história da trajetória da educação no Brasil, que marcada pelo preconceito e discriminação segue uma escala da educação tecnicista na perspectiva de favorecer a classe da nobreza, que com raízes e influências no ideário educacional de concepções europeias e norte-americanas persiste favorecer as elites, e se assemelha a seguir o ideário de educação dos países de primeiro mundo.

Embora muitos se iludam quanto a essa concepção de educação europeia, por outro lado, há relatos de que a educação no Brasil, hoje, possui suas raízes próprias fundamentadas nas teorias raciais, como relatam *ASBAHR E LOPES (2006)*, “*essa concepção não passa de arranjos teóricos para justificar a viabilidade da nação mestiça em desenvolvimento*”, enquanto a realidade das escolas públicas

tenta sobreviver à casualidade. É obvio que essa prática promoverá o fracasso escolar.

Segundo Patto (1996, p.123):

As diferentes explicações e tentativas para a superação do fracasso escolar são, em sua maioria, conhecidas, e muito a literatura já se cercou do tema. No Brasil tece historicamente a “produção do fracasso escolar e mostra-nos que, embora tenha havido uma ruptura com as concepções anteriores que justificavam ou tentavam explicar o fracasso escolar, tais concepções ainda estão presentes quando, apesar das pesquisas terem avançado no sentido de mostrar os fatores intra-escolares, muitas tomam como ponto de partida alguns pressupostos, como por exemplo, a culpa pelas dificuldades de aprendizagem escolar da criança pobre decorrer dela mesma e de sua família. A escola pública é uma escola adequada às crianças de classe média e o professor tende a agir, em sala de aula, tendo em mente um aluno ideal”. (...) se a escola não está adequada às crianças das classes populares, então há uma crença na deficiência/diferença da clientela majoritária da escola pública de primeiro grau em relação aos seus pares de classe média e alta (p.123) uma vez que a escola que aí existe foi pensada para as classes favorecidas social e economicamente(...).

Sendo assim, se a prática pedagógica no interior das escolas públicas influencia na produção do fracasso escolar, isso requer que sejam revistas. É necessário que haja reflexão, discussões e debates sobre os seus principais elementos estruturantes, sendo eles relação professor-aluno; metodologia de trabalho do professor; currículo; avaliação e gestão escolar, essa reflexão não pode perder de vista a especificidade do trabalho escolar.

Nesse sentido, Nagel (1989, p.10) afirma:

A escola não pode esperar por Reformas Legais para enfrentar a realidade que lhe afoga. Além do mais, a atitude de esperar “por decretos” [...] reflete o descompromisso de muitos e a responsabilização de poucos com aquilo que deveria ser transformado. A escola tem uma vida interior que, sem ser alterada por códigos legislativos, pode trabalhar com o homem em nova dimensão, bastando para isso que seus membros se disponham a estabelecer um novo projeto de reflexão e ação.

É, portanto, uma questão crucial de responsabilidade da comunidade escolar cumprir seu papeis participando da vida escolar ativamente, pois esta não faz educação sozinha, é necessário que se convide a comunidade para fazer parte, e mais que isso, que comece a atuar fortalecendo seus pilares, e que, portanto, aprenda a não apenas esperar.

A propósito, sobre o termo fracasso escolar, Harper (1980, p. 26) diz de uma pessoa que mesmo fracassada na escola, ela possui equilíbrio pessoal, moral, comportamental e capacidade para fazer qualquer coisa, pois uma pessoa, mesmo que não tenha recebido recursos e oportunidades para um bom desempenho educacional possui características e capacidades próprias que poderão ser trabalhadas de forma a alcançar êxitos na vida futura das pessoas.

3.2 – Fatores que contribuem para o fracasso escolar

Segundo Angelucci (2004), são vários os fatores que podem contribuir para o fracasso escolar, como:

Problema psíquico: a culpabilização das crianças e de seus pais (foco no aluno);

Problema técnico: culpabilização do professor (foco no professor);

Questão institucional: a lógica excludente da educação escolar (foco na política pública como determinante do fracasso escolar);

Questão política: cultura escolar, cultura popular e relações de poder (foco nas relações de poder estabelecidas no interior da instituição escolar, mais especificamente na violência praticada pela escola ao estruturar-se com base na cultura dominante e não reconhecer, portanto, a desvalorização da cultura popular).

Diante disso, Perrenoud, (2002, p.12/13) afirma:

Conforme o modelo de sociedade e de ser humano que defendemos, não atribuiremos as mesmas finalidades à escola e, portanto não definiremos da mesma maneira o papel dos professores. [...] O pensamento e as ideias podem atravessar fronteiras, mas os brasileiros é que definirão as finalidades da escola no Brasil e conseqüentemente formarão seus professores. A questão é saber se o farão de forma democrática ou se a educação continuará sendo, como na maioria dos países, um instrumento de reprodução das desigualdades [...].

Considera-se que diante dessa afirmativa, seja possível acreditar em um modelo de escola que não seja determinante do fracasso escolar por uma questão institucional.

Entretanto, Timm, em sua tese de doutorado, *O bem-estar na docência* (2006, p. 43) declara:

O magistério está ao alcance desse mal-estar que tem caracterizado o sentimento das pessoas em tempos muito líquidos da modernidade, pelos motivos já anteriormente referidos. A docência não fica imune a esse show que desenrola-se no palco da pós-modernidade, pois, constatamos, em cada sala de aula, em cada pátio, em cada discurso, suas cenas muitas vezes são reprisadas ou contestadas.

Aqui o autor se refere aos problemas desencadeados no processo de ensino/aprendizagens focando o professor, que embora sofra consequências dessa prática desastrosa, de certa forma contribui para o fracasso escolar uma vez que seu estado emocional implica na relação professor-aluno.

Contudo, a relação ao fracasso escolar que não se trata de procurar responsáveis entre a família, a escola ou a própria criança tentando explicar o porquê da dificuldade de aprendizagem dos alunos, a tendência não é encontrar culpado, mas sim, fazer uma reflexão acerca da educação pública diante dos problemas educacionais, observando o contexto, a situação econômica e cultural da qual a escola faz parte.

Nesse sentido, escreveu Machado (2000) citado por Asbahr e Lopes, no artigo *A Culpa* :

(...) Quando fomos contratadas para realizar uma avaliação psicológica dos alunos com problemas de aprendizagem, não atendemos diretamente a demanda da escola. Investigamos como as *dificuldades de escolarização* estavam sendo produzidas dentro da lógica educacional. Nosso objetivo não foi encontrar vítimas ou culpados pelo fracasso escolar, mas desfazer os mitos presentes na queixa num trabalho conjunto com todos os envolvidos, partindo do conhecimento de que não existem causas meramente individuais para essas dificuldades, já que elas são produto das relações concretas que se dão na escola. É rompendo com concepções de caráter ideológico que se pode construir uma Psicologia que contribua para a compreensão da constituição social da subjetividade humana.

É a questão do trabalho como “um todo”, pois se um membro do grupo erra, todos erram, quando um acerta a vitória é de todos. Nesse contexto a psicologia desde então, vem corroborando com a pedagogia onde muitas vezes, mesmo com o objetivo de desfazer “mitos” termina subjugando a ação da escola.

Desfazer mitos ou expandir a exclusão, ao classificar e rotular pessoas, passando um diagnóstico. Talvez coubesse à psicologia justificar as desigualdades

sociais, da mesma forma que uma determinada Pedagogia , é a ideia de que a responsabilidade pelo fracasso escolar e social encontra-se no indivíduo, em sua família ou em sua raça.

Por outro lado, Collares e Moyses (1996, p. 57) nos dizem que:

Inicialmente prevalecia o mito de que certas crianças aprendem e outras não, por que os indivíduos diferem entre si quanto à sua capacidade de aprender. Quem acreditava nisso suponha que alguns têm esse dom, outros não, e que essa capacidade é inata, ou seja, não pode ser desenvolvida.

Infelizmente, essa crença ainda existe em muitas escolas. Muitas crianças são ignoradas no contexto escolar, suas limitações são vistas como algo sem solução, pois é comum se ouvir que “a criança não tem capacidade para aprender., não demonstra , nenhuma habilidade”.

No entanto sabemos que a escola, diante dos inúmeros problemas como a dificuldade de aprendizagem, a indisciplina, defasagem e evasão dos alunos, tem atuado de forma passiva, pois sua proposta pedagógica que não atribui um ensino caracterizado com seu público que são na maioria de classes populares, também possui uma equipe docente despreparada, pois nem mesmo os cursos de graduação capacita o educador para tal .

Segundo a Revista Nova Escola de outubro de 2008, apresentando uma entrevista feita pela Fundação Carlos Chagas:

O currículo dos cursos de Pedagogia como principal entrada na profissão, não contempla o "quê" e o "como" ensinar nem prepara para a realidade escolar, formando profissionais despreparados para planejar, ensinar e avaliar onde o resultado é a péssima qualidade da educação no país. Essa mesma pesquisa revela que apenas 28% das disciplinas dos cursos ministrados em todo o país se referem à formação profissional específica - 20,5% a metodologias e práticas de ensino e 7,5% a conteúdos.

A propósito considera-se que grande parte dos professores graduados podem não dominar os conteúdos ministrados tornando-se profissionais mal preparados, incapazes de atuar analisando e refletindo sobre a sua prática pedagógica, uma atuação predestinada ao fracasso.

Entretanto, muitas vezes como citado por Angelucci (2004) “o foco agora pode está no aluno. Problema psíquico: a culpabilização das crianças e de seus pais
“.

Também citado por Aquino (1996)

O aluno-problema é tomado, em geral, como aquele que padece de certos supostos "distúrbios psico/pedagógicos"; distúrbios estes que podem ser de natureza cognitiva (os tais "distúrbios de aprendizagem") última categoria enquadra-se um grande conjunto de ações que chamamos usualmente de "indisciplinadas". Dessa forma, a indisciplina e o baixo aproveitamento dos alunos seriam como duas faces de uma mesma moeda, representando os dois grandes males da escola contemporânea, geradores do fracasso escolar, e os dois principais obstáculos para o trabalho docente.

Dessa forma, o autor centra o problema da dificuldade educacional do aluno na própria criança incluindo seu relacionamento familiar que até mesmo é responsável por alguns distúrbios psicológicos.

Diante disso, Mannoni, (1988, p. 62) faz uma alerta:

Em vez de revolucionar o ensino e sua estrutura, o ocidente prefere, pelo contrário, remediar os efeitos das anomalias geradas por um ensino inadequado à nossa época. Remediar os efeitos significa, neste caso, encarregar a medicina de responder onde o ensino fracassou.

Percebe-se que estas são providencias tomadas pela escola que evidencia o seu fracasso, lembrando que o termo não se refere apenas ao aluno, contudo, o problema apresenta-se de forma mais complexa, pois isso evidencia o fracasso do próprio sistema educacional brasileiro.

3.3 - Fatores que contribuem para o sucesso escolar

Entende-se que só a escola não faz educação, porém muitos estudos comprovem que a escola é o lugar de inclusão cabendo ao professor fazer a mediação dos aspectos educativos com base na interação, propondo possibilidades de uma educação inovadora onde o aluno possa realmente ser o sujeito do conhecimento.

Entretanto, família e sociedade precisam está engajados nessa luta, para que realmente o processo de ensino e aprendizagem possa acontecer no ambiente escolar em situações diferenciadas, pois é também no seio familiar, no cotidiano e nas práticas sociais que a cidadania é construída, e a escola deve cumprir o seu papel contribuindo nessa construção, como afirma Saviani (1991, p. 103).

A clareza dos determinantes sociais da educação, a compreensão do grau

em que as contradições da sociedade marcam a educação e, conseqüentemente, como é preciso se posicionar diante dessas contradições e desenredar a educação das visões ambíguas, para perceber claramente qual a direção que cabe imprimir à questão educacional.

Uma boa prática pedagógica, portanto, privilegia a forma, o método, o conteúdo já produzido socialmente, para a partir de então partir numa visão de ampliar conhecimentos já adquiridos onde a socialização se relaciona ao saber numa visão do ponto de chegada, pois a educação não pode ser inventada, nem tampouco reproduzida.

Diante disso, Morais (1995, p.57) se tratando de métodos de aprendizagem da língua escrita, afirma; “Os métodos de ensino, a escolha e a elaboração dos mesmos tem como objetivo principal permitir e facilitar a aprendizagem da leitura e da escrita”.

Sendo assim, a educação deverá seguir uma ação pedagógica promovendo ao aprendizado da criança no seu ambiente físico e social por meio da aquisição de métodos levando em consideração o seu cotidiano e vivências culturais diferentes.

Adotar variedades de métodos nem sempre tem fluido bons resultados, pois é necessário analisar o contexto para aplicar tal método de ensino, pois em consequência disso viu-se a necessidade da promoção do alunado mesmo sem condição para aprovação, uma causa determinante da dificuldade no desenvolvimento da aprendizagem dos alunos nos anos iniciais onde tais métodos objetiva atender o próprio sistema.

É possível fazer uma análise acerca da formação e especialização do professor, que mesmo diante de um bom material pedagógico não recebeu nenhuma preparação ou orientação metodológica para desenvolver e trabalhar uma nova proposta pedagógica.

Nesse ponto de vista, Carvalho (2005, p. 17) expressa sua opinião dizendo que “quem se propõe ensinar baseado ou não no construtivismo, precisa ter algum conhecimento sobre os princípios teórico-metodológicos da alfabetização”.

Dessa forma percebe-se que alfabetizar é realmente um desafio mesmo quando se tem uma boa formação, onde se justifica nos grandes erros cometidos diante da falta de rendimento escolar e má aprendizagem dos alunos.

Segundo Ferreiro e Teberosky (1999, p.07):

Aprendizagem da leitura, entendida como o questionamento a respeito da natureza, da função e do valor desse objeto cultural que é a escrita, inicia-se muito antes do que a escola o imagina, transcorrendo por insuspeitos caminhos.

Entende-se que, na verdade para que um bom processo de aprendizagem aconteça independente do método de ensino é importante que a criança seja estimulada e, ou direcionada em situações que lhe possibilite usar suas diversas capacidades de experimentação, descoberta e interação num contexto onde esse envolvimento promova o educando.

Para tanto, é sabido que na perspectiva interacionista, o processo de aprendizagem se dá pelo diálogo constante entre o que ensina e o que aprende, não podendo prevalecer a ideia de que o professor transmite conhecimentos mas sim que ele seja mediador do processo de aprendizagem. No entanto, embora muitos professores expressam compreensão quanto a esse papel de agente de transformação social cuja responsabilidade é preparar os alunos para a vida em sociedade, não praticam o diálogo como instrumento para a expressão do pensamento .

Diante disso, Paulo Freire (1987) afirma:

é preciso pensar em uma educação que lute para a libertação do homem de sua condição de oprimido, atribuindo-lhe maior autonomia intelectual, a fim de que deixe de ser mero objeto de manipulação e resgate a sua condição de sujeito, de “Ser Mais”. Portanto, a educação deve ser respaldada em uma “Pedagogia do Diálogo”. Nessa pedagogia muda-se a relação de poder do professor sobre o aluno e estabelece uma relação educador-educando, em que ambos se entendem e se fazem simultaneamente educadores e educandos. Entendemos que os homens se educam entre si mediatizados pelo mundo e são seres inconclusos, inacabados, históricos.

E ainda, sobre o educador expressa o mesmo autor:

Quanto mais consciente se fizer o ato educativo, mais consistente será o seu produto. Isso é possível quando se atua: clareza quanto ao papel do educador; clareza e nitidez do olhar que é lançado sobre o grupo e sobre cada um em particular. (FREIRE 1997 p. 15):

Sobre o ato educativo e abordando noções de letramento, expressa:

como educador preciso de ir "lendo" cada vez melhor a leitura do mundo que os grupos populares com quem trabalho faz de seu contexto imediato e do maior de que o seu é parte, o que quero dizer é o seguinte: não posso de maneira alguma, nas minhas relações político-pedagógicas com os grupos populares, desconsiderar seu saber de experiência feito. Sua explicação do mundo de que faz parte a compreensão de sua própria

presença no mundo, e isso tudo vem explicitado ou sugerido ou escondido no que chamo “leitura do mundo” que precede sempre a “leitura da palavra”, se, de um lado, não posso me adaptar ou me “converter” ao saber ingênuo dos grupos populares, de outro, não posso, ser realmente progressista, impor-lhes arrogantemente o meu saber como o verdadeiro. (freire, 1996, p. 32).

Ninguém melhor que este grande educador para nos convencer de que realmente é preciso valorizar a representatividade que cada sujeito tem no seu convívio social, a sua personalidade e valor cultural torna-se um fator fundamental no processo de conhecimento. E quando se fala em construir educação de qualidade é preciso levar em conta as experiências de mundo de cada sujeito, seja ele criança ou adulto, cada um possui o seu saber como princípio educativo.

Não deve ser lançado fora o desafio de uma proposta pedagógica que privilegie o saber peculiar dos grupos populares.

A propósito, Soares (2003,p. 91,92) nos diz que:

[...] exercício efetivo e competente da tecnologia da escrita denomina-se letramento, que implica habilidades várias, tais como: capacidade de ler ou escrever para atingir diferentes objetivos – para informar ou informar-se, para interagir com outros, para imergir no imaginário, no estético, para ampliar conhecimentos, para seduzir ou induzir, para divertir-se, interpretar e produzir diferentes tipos e gêneros de textos; habilidades de orientar-se pelos protocolos de leitura que marcam o texto ou de lançar mão desses protocolos, ao escrever; atitudes de inserção efetiva no mundo da escrita, tendo interesse e prazer em ler e escrever, sabendo utilizar a escrita para encontrar ou fornecer informações e conhecimentos, escrevendo ou lendo de forma diferenciada, segundo as circunstâncias, os objetivos, o interlocutor.

Dessa forma, a prática de letramento, bem como a habilidade na leitura e escrita é uma necessidade urgente no meio social, mesmo nos dias de hoje, é comum crianças apesar de muitos anos na escola, não adquirir tais habilidades, muitas embora saibam decifrar o código escrito, não conseguem utilizá-lo para interagir ou informar-se, ou seja, a criança lê mas não interpreta .

Alfabetizar letrando implica numa prática pedagógica que trabalhe técnicas que induza a criança a usar a criatividade, o imaginário, o raciocínio desenvolvendo práticas discursivas diante do objeto trabalhado, pois a criança estará sendo preparada para atuar num contexto complexo com inúmeros problemas que futuramente se tornarão pessoas capazes de ler e refletir, bem como falar , expressar e agir corretamente diante de problemas que permeiam a vida cotidiana e em sociedade.

Rego (1994) sobre a língua escrita e o construtivismo, incorporando a ideia defendida por Goodman (1967) e Smith (1971) salienta que:

(...) ler e escrever são atividades comunicativas e que devem, portanto, ocorrer através de textos reais onde o leitor ou escritor lança mão de seus conhecimentos da língua por se tratar de uma estrutura integrada, na qual os aspectos sintáticos, semânticos e fonológicos interagem para que se possa atribuir significado ao que está graficamente representado nos textos escritos.

Sendo assim, faz-se necessário recriar estruturas para uma técnica de atividades no processo de aprendizagem que valorize a leitura e escrita, onde alfabetização e letramento devem estar juntos diante das dificuldades de aprendizagens dos educandos nos anos iniciais.

Diante disso, é fundamental trabalhar aspectos voltado para os conhecimentos anteriores, e a partir de então, expandir nos novos conhecimentos, principalmente trabalhando diferentes gêneros textuais, ainda que o aluno não seja capaz de praticar a leitura de forma convencional, é importante ter esse contato, uma vez que a leitura feita pelo professor é essencial para que adquira o gosto, o prazer e a “magia” em se apropriar da leitura ainda que feita por outra pessoa.

Para tanto, é necessário lançar mão de textos que fazem parte do repertório comunicativo das crianças onde de forma integrada se sentirão familiarizadas para dar continuidade no seu processo de conhecimento, uma vez que isto só é possível a partir dos conhecimentos já adquiridos.

Sendo assim, é nesse processo de continuidade onde prática de letramento e comunicação entre escola e família de forma integrada proporcionará relações entre oralidade e escrita podendo muito contribuir para uma prática educacional de sucesso.

CAPÍTULO 4 – ANÁLISE DOS DADOS

4.1 - DADOS BRUTOS

A análise dos dados segue a proposta de coleta apresentada, que foram utilizados como principal instrumento os questionários contendo questões abertas e fechadas que são analisadas de acordo com o referencial teórico apresentado, seguindo a proposta de estudo da pesquisa empírica quanti-qualitativa demonstrando inter-relação entre pesquisa social empírica e teoria científica (BARROS & LEHFELD, 1990, p. 87).

Participantes da pesquisa:

11 alunos, 3 professores (total de professores da escola exceto a pesquisadora) , 10 pais e a gestora da escola, num total de 25 colaboradores.

O que disseram os alunos:

Questão 1:

Você gosta de vir à escola?

Respostas:

Todos os alunos disseram sim

Questão 2:

Como são as aulas na sua escola?

Respostas:

- São boas e legais.
- Divertidas, interessantes, com muita leitura, operações e redações.
- Muito boa.
- São boas.

Cont. Respostas – Questão 2

- Boas, porque as tarefas são boas.
- ótimas.
- Tem momentos agradáveis como aula recreativa e momentos chatos como na aula

de matemática.

- Boa para aprender.
- Boas para ler e aprender.

1 aluno repetiu a resposta e 1, não respondeu explicitamente à pergunta.

Questão 3

Como é a sua professora?

Respostas:

- Legal.
- Eu acho ela boa, pois nos ajuda a realizar as tarefas e tira as nossas dúvidas.
- As vezes ela é muito legal e as vezes nos dá bronca mas explica bem as atividades.
- Inteligente bonita e estudiosa.
- Boa, porque gosto dela, ela me ajuda a fazer as tarefas.
- Muito boa.
- Faz um bom trabalho.
- Legal, boa, prestativa e ótima.
- Legal, mas às vezes é um pouco nervosa, ela é inteligente.
- É legal e gosta da gente.

1 aluno não respondeu explicitamente à pergunta.

Questão 4

O que você mais gosta de fazer na escola?

Respostas:

- Brincar.
- Estudar, ler textos e fazer produções de texto.
- Estudar, fazer prova de todas as matérias, diálogo, ditado e ler livros, fazer trabalhos, etc.
- Estudar, ler fazer provas, produção de texto, tarefas de português.
- Estudar matemática.
- Eu gosto de brincar.
- Brincar, correr, estudar, aprender muitas coisas para passar de ano.
- Redação, ditado, aula de ciências e brincar.

- Aula de história, de geografia, de ciências porque é hora de pesquisa.
- Estudar, brincar, fazer novas amizades.
- Ler.

Questão 5

Você gosta de ler?

Respostas:

- Todos os alunos disseram sim.

Questão 6

Você acha a leitura importante? Por quê?

Respostas:

- Sim, porque a gente aprende ler e escrever.
- Sim, porque a leitura nos ajuda a falar e entender melhor os textos.
- Sim, a leitura é importante, pois nos leva a passar a entrar nos sonhos e nas fantasias.
- Sim, por que com a leitura a gente desenvolve, a leitura é importante na nossa vida, quem não lê não tem muita chance de ter uma boa faculdade nem um bom emprego.
- Sim, porque quando a gente lê aprendemos mais.
- Sim, faz a gente aprender muito.
- Sim, porque nos ajuda a saber mais.
- Sim.
- Sim, porque devemos saber ler e escrever.
- A gente aprende mais a cada dia, e também é bom estudar para se formar.
- Sim, porque faz a gente conhecer mais o mundo em que vivemos, e ser alguém na vida, a leitura é muito importante para as pessoas que estudam.

O que disseram os pais**Questão 1**

Você já participou de alguma reunião na escola?

Respostas:

09 pais disseram sim, e 01 disse não.

Questão 2

Você costuma visitar a escola onde seu filho estuda?

Respostas

09 pais disseram sim e só 01 disse não.

Questão 3

O que você acha da participação dos pais na vida escolar dos filhos?

Respostas

- Eu acho importante os pais participarem para acompanhar a educação de seus filhos.
- É importante no desenvolvimento e no aprendizado deles.
- Muito importante.
- Nessa escola nem todos dão assistência aos filhos.
- Os pais precisam visitar a escola pra ver o que seus filhos estão aprendendo e saber o seu comportamento na escola.
- Os pais tem como ajudar os filhos nos deveres de casa, como também na leitura incentivando no desempenho.
- É fundamental.
- Muito bom.
- Importante, porque ajuda bastante no desenvolvimento do filho e fica por dentro de tudo o que acontece com o filho na escola.
- Ajuda tanto no desempenho tanto qualitativo quanto quantitativo do aluno, escola e família tem que ser parceiras para que haja um resultado melhor e a escola alcance os objetivos propostos.

Questão 4

Como está o desenvolvimento escolar do seu filho?

Respostas

- Equilibrado por parte da escola, mas falta apoio maior por parte dos pais e interesse da minha filha, pois trabalhamos muito (pais) e as vezes o apoio aos filhos fica a desejar.
- Melhorou com a ajuda da professora, estou satisfeita com o seu desenvolvimento.

- Muito bom.
 - Regular.
 - Regular.
 - Estou gostando minha filha aprendeu ler e escrever.
 - Não tenho nada a falar sobre a professora, mas meu filho não tem nenhum interesse.
 - Muito bom espero que continue assim.
 - Melhorou bastante depois das aulas de reforço.
- 01 pai não respondeu a essa questão.

Questão 5

Como você tem contribuído no desenvolvimento escolar de seu filho?

Respostas

- Pergunto sobre a aula, o que estudou e o que aprendeu.
 - Participando e orientando no dia-a-dia o seu aprendizado.
 - Incentivo a ir para a escola todos os dias e ajudando nas tarefas de casa.
 - Ajudo nas tarefas de casa.
 - Mando ir para a escola, mas ele é lento e preguiçoso.
 - Ultimamente estou deixando a desejar.
 - Estou acompanhando muito.
 - Ajudo nas tarefas de casa, tento ajudar nas lições, ele está com dificuldades.
 - Observando o horário de chegada à escola, nas tarefas de casa, no material escolar e dialogando com ela e com a professora.
- 01 pai não respondeu a essa questão.

Questão 6

Você tem o hábito de leitura?

Respostas

07 pais disseram sim, e 03 disseram não.

Questão 7

Qual a sua opinião sobre o trabalho desenvolvido pelos profissionais da escola do seu (a) filho (a)?

Professora e gestora:

Respostas

- Professora: está muito bom, ajuda bastante a minha filha. Gestora: contribui bastante.
- Professora: na medida do possível está sendo bom. Diretora: muito presente nos trabalhos.
- Professora: muito bom. Diretora: está de parabéns.
- Professora: bom. Diretora: bom.
- Professora: de responsabilidade. Diretora: eficiente.
- Professora: Ajudou meu filho. Diretora: Muito bom.
- Bom tanto o trabalho da professora como o da diretora, por que meu filho aprendeu muito.
- A professora é esforçada com os alunos e legal.
- Professora: competente. Diretora: gentil.
- Professora: está razoável, acho que está fazendo um bom trabalho. Diretora: cumpre as normas da escola.

O que disseram os professores**Questão 1:**

Como você seleciona os conteúdos e elabora as atividades para sua classe?

Respostas:

- Primeiro faço uma avaliação diagnóstica para observar o nível de aprendizagem dos alunos, após, analiso o que cada um sabe, seleciono e panejo os conteúdos e atividades que explorem as dificuldades detectadas, e dou continuidade às aprendizagens que já estão consolidadas.
- De acordo com o nível de aprendizagem da turma eu vou procurando adaptar os conteúdos que possam solucionar a deficiência de aprendizagem apresentadas por eles.·.
- Procurando buscá-los de maneira clara para que as atividades sejam interessantes para que os alunos sintam prazer em fazer.

Questão 2:

Quais as fontes de pesquisa que você utiliza para elaborar suas atividades pedagógicas?

Respostas:

- Livros didáticos diferentes dos utilizados em sala de aula, através da internet em sites apropriados para esses fins.
- Livros didáticos atualizados, sites, revistas como Ciência hoje, entre outras.
- Livros didáticos, internet, Revista Nova Escola, Enciclopédias.

Questão 3:

Como você avalia o desempenho das aulas desenvolvidas com seus alunos?

Respostas:

- Este ano utilizei planilhas de observação para registrar as informações sobre o desempenho das aulas para depois usá-las no replanejamento de acordo com as necessidades da classe. É trabalhoso, principalmente quando se tem uma classe numerosa, mas ajuda bastante.
- Há momentos de grande aprendizado e há também momentos de grandes frustrações onde as aprendizagens atingem níveis mais baixos.
- Constante, durante toda a aula, e através de exercícios avaliativos e provas.

Questão 4:

Quais os maiores desafios encontrados no processo de ensino e aprendizagem com seus alunos?

Respostas:

- Falta de material didático e apoio humano, desinteresse de alguns alunos e dos pais.
- A indisciplina dos alunos, pois é em grande número e conversam muito, falta de atenção e de material didático.
- São muitos, principalmente diante das disciplinas de português e matemática.

Questão 5:

Como você avalia a participação dos pais na vida escolar dos seus alunos?

Respostas

- Deixa a desejar, não são presentes na escola e não ajudam no desenvolvimento das atividades escolares dos filhos.
- Nesse ano apenas 1% dos pais tem comparecido na escola para se inteirar da vida escolar dos filhos.
- No geral os pais não participam da vida escolar dos seus filhos, mesmo sendo convocados, é difícil chegar à escola.

Questão 6:

Em sua opinião quais as desvantagens da ausência dos pais na escola?

Respostas

- Os alunos ficam um pouco desorientados com relação ao comportamento e dificuldade no aprender. (desenvolver os conteúdos).
- Tem reflexo no desempenho dos alunos, pois eles não participam das atividades da escola, não ajudam nas atividades trabalhadas em classe.
- São desvantagens que a escola não supera se com os pais é difícil imagine sem eles.

Questão 7:

Que recursos você costuma utilizar como suporte diante das dificuldades de aprendizagens de seus alunos?

Respostas

- Procuo propor atividades em pequenos grupos ou duplas para que os alunos com melhor desempenho ajudem os colegas que tem dificuldades, e para que tenham a oportunidade de confrontar seus conhecimentos. Também procuro atender individualmente para que eles consigam realizar as suas atividades.
- Atividades diferenciadas e as vezes lúdicas que possa envolver os alunos na hora da execução.
- Dinâmicas jogos e exercícios.

O que disse a gestora

Questão 1:

Como você avalia o desempenho da atuação do corpo docente da escola que você direciona?

Resposta:

Trabalha bem e desempenha o seu papel ao que é de sua competência.

Questão 2:

De que maneira a comunidade ajuda na melhoria do ensino e do funcionamento da instituição?

Resposta:

Acredito que participando da vida do educando e tomada das decisões para o andamento da unidade escolar.

Questão 3:

Em sua opinião quais os principais fatores que distanciam a comunidade da escola?

Resposta:

A falta de conhecimento do seu papel na escola e na vida do educando.

Questão 4:

Como a comunidade se comporta diante dos problemas existentes na unidade? Explique.

Resposta:

De maneira muito displicente. Eles demoram de vir à escola e quando é chamado não vem, raramente aparecem.

Questão 5:

Quais as desvantagens da falta de participação da comunidade dentro de uma instituição escolar?

Resposta:

Muitas desvantagens, a família e a escola devem andar de mãos dadas para melhor desempenho dos discentes.

Questão 6:

Como é formado o Conselho escolar da escola que você direciona?

Resposta:

Por pais, alunos, professores e direção.

Questão 7:

Você já convocou alguma reunião para tratar de problemas envolvendo dificuldade educacional de aluno na escola?

Resposta:

Sim

Questão 8:

Como você acha que um diretor (a) de escola pode resolver os problemas existentes na escola?

Resposta:

Com toda a comunidade escolar, pais, alunos, professores, funcionários e direção.

Questão 9:

Você acredita que a participação dos pais na escola contribui para a melhoria da qualidade do ensino? Justifique.

Resposta:

Sim, muito, quando a família participa ativamente da vida do educando, o resultado é notório e comprovado, quando os pais participam os alunos se mostram mais interessados e comprometidos.

4.2 - DADOS ANALISADOS

Sobre análise de dados Ludke e André (1986, p.46) afirma que: “Analisar os dados significa trabalhar todo o material obtido durante a pesquisa”.

Após obtenção dos dados por meio da utilização dos instrumentos de observação participante e aplicação de questionários abertos e fechados, tivemos na

análise os pontos que consideramos relevantes nesta pesquisa. Sendo assim, retomando a proposta de estudo da pesquisa, focando o objetivo que visa a identificar fatores que geram dificuldades no processo de ensino/aprendizagem dos alunos, e, analisando as respostas dadas por eles, embora sejam comprovadas suas dificuldades de aprendizagem e indisciplinas observadas, bem como relatadas pelas professoras, em suas respostas, todos afirmaram gostar da escola.

Embora alguns não tenham respondido categoricamente ao que foi indagado, os alunos apresentaram suas opiniões positivas sobre a escola. Todos afirmaram gostar de ler, ainda que suas dificuldades e limitações os comprometem um pouco na hora da escrita.

Porém, diante das respostas dadas pelos pais, alguns assumiram o não cumprimento do seu papel na vida escolar dos filhos, embora tenham concordado que é importante o cumprimento do seu papel. Alguns alegaram não ter tempo, para orientar o filho em casa. Um pai não respondeu todas as questões justificando sua dificuldade de escrita pela pouca escolarização.

Percebe-se, que parte das famílias dos alunos com dificuldade de aprendizagem também apresentam dificuldades de leitura e escrita, alguns frequentaram pouco a escola e por isso desconhecem o seu papel sobre as responsabilidades na vida escolar dos seus filhos.

Vale frisar que muitos pais dessa escola nem sequer conhecem os professores de seus filhos. Dessa forma os professores não podem contar com essa parceria na educação escolar de seus alunos. Foi o destaque nas respostas dadas pelas três professoras participantes da pesquisa, diante da questão sobre a participação dos pais na vida escolar dos filhos:

- Professora 1 - Deixa a desejar, não são presentes na escola e não ajudam no desenvolvimento das atividades escolares dos filhos.
- Professora 2 - Nesse ano apenas 1% dos pais tem comparecido na escola para se inteirar da vida escolar dos filhos.
- Professora 3 - No geral os pais não participam da vida escolar dos seus filhos, mesmo sendo convocados, é difícil chegar à escola.

Percebe-se que a falta de apoio das famílias na escola tem contribuído para o problema do fracasso escolar, que na realidade tem sido um problema educacional

de ordem nacional, como declara Bencini (2006, p. 40) “Crianças de 5ª série não sabem ler nem escrever, equipe desestimulante, família desinteressadas pelo que acontece com seus filhos na escola”

Desse ponto de vista expressou Sawaya (2005, p. 200) dizendo que (...) “a escola é despreparada para dar conta das diferenças existentes nas crianças possuidoras de ritmos de aprendizagem diferentes.

Entretanto, sobre suas hipóteses de dificuldades de ensino e aprendizagem com seus alunos, as professoras confirmam, além da falta de apoio dos pais, a falta de material didático e pedagógico para desenvolver um bom trabalho, bem como as classes numerosas e muita indisciplina.

Pode-se perceber as inúmeras particularidades em classes numerosas com 32 alunos de 4º e 5º ano que apresentam diferentes dificuldades de aprendizagens. A falta de apoio, que gera a desmotivação tanto do professor quanto dos alunos na sala de aula, que é um fator que influencia nas dificuldades de aprendizagem do aluno, onde caberia ao professor atender a todas as necessidades dos alunos que apresentam dificuldade no processo de ensino/aprendizagem.

Embora as professoras tenham apresentado em suas respostas exemplos de metodologias que cativem seu alunado em sala de aula, notou-se em alguns casos que além da indisciplina, muitos alunos são agressivos, se recusam a realizar suas atividades, tornando difícil a reversão da situação quanto as suas dificuldades de aprendizagem.

Percebe-se diante dos problemas que permeia a realidade da escola bem como da educação no Brasil, que não basta apenas falar em professores competentes e pais de alunos responsáveis, é necessário que a escola e sua proposta pedagógica esteja contextualizada, a fim de conhecer os problemas que a rodeia para que possa intervir na realidade da qual os sujeitos envolvidos fazem parte. Nesse ponto de vista Freire (1987, pg. 69) afirma: “Não pode haver conhecimento, onde os educandos não são chamados a conhecer, mas a memorizar o conteúdo narrado pelo educador”, pois se percebe que ainda nos dias de hoje as escolas tem trabalhado essa pedagogia.

Ainda que se fale em uma prática pedagógica voltada para o diálogo, para a interação e ação reflexão, percebe-se não somente nessa escola, que, o que disseram as professoras não tem nenhuma relação com a prática adotada, pois para isso é necessário que o professor seja preparado, que receba uma formação

adequada .

E, considerando a formação das professoras (duas pedagogas e uma magistério básico), e as respostas dadas a favor da busca de melhores estratégias para um bom desempenho dos alunos que apresentam dificuldades de aprendizagens:

O currículo dos cursos de Pedagogia como principal entrada na profissão, não contemplam o "quê" e o "como" ensinar nem prepara para a realidade escolar, formando profissionais despreparados para planejar, ensinar e avaliar onde o resultado é a péssima qualidade da educação no país. Essa mesma pesquisa revela que apenas 28% das disciplinas dos cursos ministrados em todo o país se referem à formação profissional específica 20,5% metodologias e práticas de ensino e 7,5% a conteúdos. (Revista Nova Escola de outubro de 2008, p.48 –49).

Considera-se, portanto, como uma das asserções confirmadas das causas do fracasso escolar, embora se tenha comprovado salas de aula superlotadas e falta de recursos didáticos e pedagógicos:

1 - Estratégias didático-pedagógicas que não levam em conta os conhecimentos anteriores do aluno e que não são adequadas ao ensino dos conteúdos aplicados, contribuindo para aumentar a dificuldade no processo de ensino-aprendizagem, fator que comprova a formação inadequada dos professores.

2 - A falta de participação da família na vida escolar dos filhos para ajudar no desenvolvimento de seu processo de aprendizagem.

Sendo assim, observou-se o despreparo dos professores no planejamento e elaboração das atividades dos seus alunos adequando à realidade dos mesmos, levando em conta a dificuldade para atender a uma classe numerosa como colocado por uma das professoras.

Nesse ponto de vista, Vygotsky (1995) citado por Koshino (2011), diz que a criança passa por dois níveis de desenvolvimento, em que um se refere às conquistas já efetivadas, e o outro nível de desenvolvimento proximal, se relaciona às capacidades inacabadas a serem construídas, o autor enfatiza dizendo que, quando o professor trabalha com algo que o aluno já sabe acontece o desenvolvimento real, porém quando o educador ajuda seu aluno a resolver questões ou problemas, auxiliando-o para que ele consiga fazer, está trabalhando o desenvolvimento proximal, pois ela sabe fazer, porém com a ajuda de alguém. O

autor explica que desta forma o professor mostra ter conhecimento teórico, pois se faz mediador para o aluno chegar ao conhecimento, ajudando nos momentos de dificuldade e facilitando no sucesso da criança na escola.

Para tanto, é necessário que tenhamos profissionais bem preparados, capazes de planejar adequadamente suas atividades de forma que atenda às particularidades e especialidades de seus educandos, bem como ser capazes de trabalhar os diferentes níveis de desenvolvimento de seus alunos.

Entretanto, observou-se também como um dos fatores que contribui para as dificuldades de aprendizagem dos alunos, a falta de participação da família, embora boa parte tenha afirmado participar da educação escolar de seus filhos.

Acompanhar a educação do filho é responsabilidade da família, porém, segundo as professoras e a gestora:

A participação dos pais é retraída, onde poucos participam das reuniões e muitos dificilmente se preocupam com o desempenho escolar dos filhos, realidade esta, que tem ocasionado grande número de alunos faltosos, sem incentivo e acompanhamento no dever de casa .

Como colocado pela gestora “A falta de conhecimento do seu papel na escola e na vida do educando é o que afasta as pessoas de suas responsabilidades”. Para isso se faz necessário que os pais não somente venha está inserido no contexto escolar, mas também que seja sujeito aprendiz, para que possa não somente auxiliar o filho no seu processo de aprendizagem, mas que também possa desfrutar do conhecimento enquanto pessoa e cidadão aberto ao conhecimento.

Para concluir esse capítulo, este estudo de pesquisa, além do estudo da temática, visa uma reflexão a cerca do processo de ensino/aprendizagem em que poderão surgir novas estratégias, bem como um novo perfil de profissionais da educação que não serão capazes de transformá-la, mas promover o educando para que possa ser capazes de lutar para construir sua trajetória de vida com dignidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho discutiu-se o problema do fracasso escolar, dentro de fatores do próprio contexto, que contribuem para as dificuldades no ensino-aprendizagem dos alunos dos anos iniciais do ensino fundamental.

Para tanto, foi demonstrado como a escola e sua proposta pedagógica se apresentam, e também as ideias apresentadas pelos participantes da pesquisa sobre o processo pedagógico desenvolvido na escola, bem como a participação dos pais nesse processo.

Buscou-se debater sobre este assunto através dos depoimentos das educadoras e gestora, questionando a compreensão que as mesmas têm sobre estratégias e conteúdos no desenvolvimento das dificuldades dos educandos, bem como os suportes utilizados para o grande desafio.

Através dos depoimentos dos pais e alunos, buscou-se debater sobre a importância da escola e a participação dos pais na educação escolar de seus filhos.

Sendo assim, a pesquisa demonstrou que os educadores e gestora compreendem a reponsabilidade de uma educação contextualizada com a realidade do aluno, porém as suas ideias não condizem com a prática pedagógica adotada, pois os métodos utilizados ainda são baseados na “reprodução”, sugeridas pelos livros didáticos que a escola disponibiliza.

Do mesmo modo, os alunos afirmaram gostar das aulas, de ler, e da escola, porém as suas dificuldades são visíveis, onde a indisciplina e falta de interesse pode caracterizar a não satisfação.

Demonstrou que os pais, apesar da maioria ter afirmado gostar da escola, das professoras e gestora, de ajudar na educação escolar de seus filhos, pôde-se perceber que, grande parte deles se isenta da educação escolar de seus filhos, não sabendo o que realmente acontece na escola. Observou-se ainda, que as estratégias didático-pedagógicas não levam em conta os conhecimentos anteriores do aluno e que não são adequadas ao ensino dos conteúdos aplicados, contribuindo para aumentar a dificuldade no processo de ensino-aprendizagem, fator que

comprova a formação inadequada dos professores.

Da mesma forma que, a falta de participação da família na vida escolar dos filhos implica no desenvolvimento de seu processo de aprendizagem.

Sendo assim, para finalizar esse trabalho cujo objetivo foi identificar os fatores e dificuldades no processo de ensino/aprendizagem de alunos dos anos iniciais do ensino fundamental, evidenciou que, a falta de planejamento adequado com estratégias didático - pedagógica que não levem em conta os conhecimentos anteriores dos alunos, bem como a sua realidade contribui para as suas dificuldades de aprendizagem, devidamente causada pela falta de formação adequada e a falta de participação da família na vida escolar de seus filhos.

Assim, esta pesquisa não se encerra neste trabalho, pois, poderá incentivar pesquisadores e educadores para colaborar nas novas discussões e prováveis descobertas dentro dessa temática, pois se espera que esta, contribua de alguma forma para as discussões presentes e futuras sobre a importância do profissional bem preparado.

Portanto, para os processos educacionais que garanta o sucesso educacional dos educandos, deve-se possibilitar a troca de conhecimentos e a construção coletiva entre os diversos pesquisadores preocupados e comprometidos com a educação e o seu processo formativo.

Para finalizar, que esse caminhar construtivo promova a todos a um amanhã de esperança, por uma educação de qualidade.

.

PARTE III

PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

Esta pesquisa, além de toda trajetória desse curso, proporcionou-me uma boa reflexão sobre a minha atuação profissional onde visando sua aplicação é possível perceber “a diferença” proporcionada pela formação recebida no campo da Pedagogia, pois há fatores dentro do campo da educação que apesar da experiência, só mesmo o conhecimento poderá conduzir a novos caminhos para se obter bons resultados no ensino/ aprendizagem.

Realizando esta pesquisa foi possível investigar os problemas da dificuldade na aprendizagem educacional dos alunos, o que pode ter causado, e os caminhos que podem direcionar a solucioná-los.

Com o tema “Dificuldades no Ensino e Aprendizagem”, surge então muitos questionamentos que talvez as investigações e aplicação de projetos não trariam as respostas necessárias e, então diante das perguntas surge o desejo de aprofundar nessa área de investigação, diante das dificuldades de aprendizagens dos alunos, não só de uma determinada escola, mas também como um problema enfrentado por muitas escolas públicas ao longo dos anos.

Sendo assim, esse caminhar, durante essa formação recebida, proporcionou um novo olhar diante das grandes demandas educacionais, em que as discussões em torno da educação proporcionada pelas escolas públicas vêm sendo caracterizadas por proporcionar o fracasso escolar.

Nesse ponto de vista, esse novo olhar recebido através dessa formação levou-me a compreender que, para uma boa prática educacional é necessário partir da compreensão do sujeito educando, com vistas a oferecer o objeto certo, ou, uma proposta educacional voltada para os seus conhecimentos anteriores, e, ou adequando-a à sua realidade.

Para tanto, diante de uma perspectiva profissional futura, esse novo olhar sobre a necessidade de compreender as especificidades dos educandos, vejo-me a continuar pesquisando e fazendo novas descobertas sobre as dificuldades de aprendizagens dos educandos.

Para isso pretendo “continuar” cursando especialização em Psicopedagogia, pois poderei aprofundar nessa tarefa de investigação do conhecimento do aluno

bem como nas suas dificuldades, conhecendo os pontos fortes e fracos dos alunos para a partir daí atuar, adequando melhor os conteúdos e metodologias a serem trabalhados, pois, como um profissional habilitado, o professor poderá atuar diante da situação, apresentando a ferramenta certa.

Dessa forma, sendo o educador habilitado, poderá não somente diagnosticar o problema, mas também a causa e o caminho para a solução, pois conhece as ferramentas para trabalhar o problema, como também pode prevenir diante de outros que porventura surgirão.

Sobre esse profissional Fernández (1991, p. 99) descreve que “para que haja aprendizagem intervém o nível cognitivo e o desejante além do organismo e do corpo”.

Dessa forma o professor como pesquisador e profissional da educação não somente irá proporcionar aprendizagem como também irá lidar com os problemas enfrentados apresentando a solução, pois irá atuar trabalhando com a teoria construtivista se apoiando numa base apresentada pelo aluno integrando aspectos que possibilite ser trabalhado as dificuldades cognitivas bem como interativa e coletiva.

Por isso, aspectos importantes precisam ser trabalhados nessa área e como perspectivas profissionais, essa área de atuação poderá ajudar bastante uma vez que surgiu o interesse em desenvolver um projeto sobre as dificuldades de aprendizagens dos alunos das séries iniciais do ensino fundamental.

Portanto, com o olhar abrangente da Psicopedagogia sobre as causas das dificuldades de aprendizagem, é possível compreender mais profundamente, atuando não somente para ajudar os alunos em suas dificuldades como também prevendo outros bem como resgatando a autoestima dos alunos e garantindo o sucesso na atuação como docente.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Nilda e GARCIA, Leite, Regina. *O fazer e o pensar dos supervisores e orientadores educacionais*. São Paulo: Loyola, 2006.
- ANGELUCCI, Carla Bianca et al. *O estado da arte da pesquisa sobre o fracasso escolar (1991–2002)*: Um estudo introdutório. Col. Educação e Pesquisa. v. 30 n. 1. Jan/Abr 2004.
- AQUINO, J.G. A desordem na relação professor-aluno: indisciplina, moralidade e conhecimento”. In: _____ (org.). *Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 1996b, p. 39-55.
- ARROYO, M. Fracasso-sucesso: o peso da cultura escolar e do ordenamento da educação básica. In: ABRAMOWICS, A. E Moll, J. (orgs.) *Para além do fracasso escolar*. 3. ed. Campinas, SP: Papirus, 2000.
- ASBAHR, F. S., & LOPES, J. S. It's your fault. *Psicologia USP*, 17 (1), 53-73. 2006.
- BENCINI, Roberta & Minami, Thiago. O Desafio da qualidade: Os grandes problemas da educação. *Revista Nova Escola*. Outubro/2006.pgs 44/45.
- BARROS, Aidil de Jesus Paes de; LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. *Projeto de Pesquisa: Propostas metodológicas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1990.
- BRASIL. Parâmetros curriculares nacionais: Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC/SEF, 1997.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetização e Linguística*. São Paulo: Scipione, 2008, P. 96.
- CARNEGIE, Dale. *Como fazer amigos e influenciar pessoas*. São Paulo. Companhia Editora Nacional.. 51ª Edição. 2003. p. 62.
- CARVALHO, Marlene. *Alfabetizar e Letrar: um diálogo entre a teoria e a prática*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.
- COLARES, C.A e MOYSES , M. A. *Preconceitos no Cotidiano Escolar , Ensino e Medicalização* . São Paulo : Cortez , 1999.

ESTEVE, J. M. *El malestar docente* (3a ed. rev. e amp.). Barcelona, España: Paidós. 1994.

FERNÁNDEZ, Alicia. *A inteligência aprisionada*. Porto Alegre: ArtMed, 1991.

FERREIRO, Emilia e Ana TEBEROSKY. *Psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

FRANCO, Maria Sylvia Carvalho. CHAUI, Marilena. *Ideologia e mobilização popular*: Rio de Janeiro: Paz e Terra/CEDEC, 1985.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 5. ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996, p. 32 e p. 87.

_____, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 13. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1983 Coleção O Mundo, Hoje, v.21.

_____, Paulo, *Pedagogia do Oprimido*, 17ª. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

FORGIARINI, Solange Aparecida Bianchini. *Escola Pública: fracasso escolar numa perspectiva histórica*. Anais do Simpósio de Educação. Cascavel, 2007.

GOODMAN, K. S. *Reading: a psycholinguistic guessing game*. *Journal of the Reading Specialist*, 4, 1967, p.126-135.

GURGEL, Thais. *A origem do sucesso (e do fracasso) escolar*, *Revista Nova Escola*, São Paulo, nº 216. out 2008. p. 48-49.

HARPER, B. et alii. *Cuidado, Escola, Desigualdade, Domesticação e algumas saídas*. São Paulo, Brasiliense, 1980, p. 26.

HATHERLY, Ana, *A Cidade das Palavras*, *Colóquio/Letras*, n.º 104/105, Jul. 1988, p.157

KOSHINO, Ila Leão Aiyres. *Vygotsky: desenvolvimento do adolescente sob a perspectiva do materialismo histórico e dialético*. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Estadual de Londrina. 132 folhas. Londrina, 2011.

LÜDKE, MENGA & ANDRÉ, MARLI. PESQUISA EM EDUCAÇÃO: ABORDAGENS QUALITATIVAS. SÃO PAULO: EPU, 1986, P. 46.

MANNONI, M. Educação impossível. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

MORAIS, Antônio Manuel Pamplona Morais. Distúrbios da Aprendizagem: uma abordagem psicopedagógica. 5. ed. São Paulo: Edicon, 1995.160p.

NAGEL, Lízia. Avaliação, Sociedade e Escola: fundamentos para reflexão. Curitiba: Secretaria de Estado da Educação do Paraná, 1989

PATTO, M.H.S. *A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia*. São Paulo: T.A Queiroz,1990.

_____, M. H. S. *A Produção do Fracasso Escolar*. São Paulo, T. A. Queiroz Editor, 1996, 4ª ed.

_____, M. H. S. *A família pobre e a escola pública: anotações sobre um desencontro*. In M. H. S . PATTO (Org.), *Introdução à psicologia escolar*, 3a ed., pp. 281-296. São Paulo: Casa do Psicólogo. 1997.

_____, M. H. S. *A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia*. São Paulo: Casa do Psicólogo. 1999.

PERRENOUD, P. *As Competências de ensinar no século XXI*. Trad. Cláudia Schilling e Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PIAGET, J. *O Desenvolvimento do Pensamento: equilíbrio das estruturas cognitivas*. Lisboa: Dom Quixote, 1977.

REGO, L.L.B. & Dubeux M.H. *Resultados de uma intervenção pedagógica no pré-escolar e no primeiro grau menor*. In: L. Buarque & L.L.B. Rego (orgs.). *Alfabetização e Construtivismo: teoria e prática* Recife: Editora Universitária, 1994.

NOVA ESCOLA. Revista, editora Abril, edição de outubro de 2006, pgs 40/45.

ROJO, Roxane Helena Rodrigues, LAEL, Letramento escolar: construção dos saberes ou de maneiras de impor o saber? Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil (2000).

ROSA, João Guimarães, "Grande Sertão: veredas", 36ª impressão, Editora Nova Fronteira, 1988.

SAVIANI, D. Pedagogia Histórico-Crítica: primeiras aproximações. 2. ed. São Paulo: Cortez / Autores Associados, (Coleção polêmicas do nosso tempo; v. 5). 1991.

SAWAYA, S. M. Novas perspectivas sobre o sucesso e o fracasso escolar. IN: REGO, T. C. et all. (orgs). Psicologia, educação e as temáticas da vida contemporânea. SP: Moderna, 2002. p. 197-213. Educação em pauta:teorias & tendências.

SMITH, F. *Understanding Reading*. New York : Holt, Rinehart & Wilson, 1971.

SOARES, M. *Alfabetização e Letramento, Caminhos e Descaminhos* .Pátio, 29, 2004, p. 19-22.

STREET, B. V. (ed.) *Cross-Cultural Approaches to Literacy*. Cambridge, MA: C.U.P. 1993.

TEBEROSKY, A. *Aprendendo a escrever: perspectivas psicológicas e implicações educacionais*. São Paulo: Ática, 1994

TIMM, E. Z. *O bem-estar na docência: Dimensionando o cuidado de si*. Tese de doutorado não publicada, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. 2006.

BIBLIOGRAFIA DE APOIO

PESCUMA, D.; CASTILHO, A. P. F. de. Projeto de pesquisa – o que é? Como fazer? : um guia para sua elaboração. São Paulo: Olho d' Água, 2008.

Apêndices

Questionário - Alunos

Data da entrevista...../...../.....

Nome do entrevistado.....

Idade.....

Série

1 – Você gosta de vir à escola?

Sim () Não ()

2 – Como são as aulas na sua escola?

.....
.....
.....

3 – Como são os professores?

.....
.....
.....

4 – O que você mais gosta de fazer na escola ?

.....
.....
.....
.....

5 – Você goste de ler ?

Sim () Não ()

6 – Você acha a leitura importante ? Por que ?

.....
.....
.....
.....

Questionário - Pais

- Data da entrevista...../...../.....
- Nome do entrevistado.....
- Idade.....
- Nível de escolaridade
- Local de nascimento.....

1 - Você já participou de alguma reunião na escola?

- sim não

2 – Você costuma visitar a escola onde seu (a) filho (a) estuda ?

- sim não

3 – O que você acha da participação dos pais na vida escolar dos filhos ?

.....
.....
.....
.....

4 - Como está o desenvolvimento escolar do seu filho ?

.....
.....
.....

5 - Como você tem contribuído no desenvolvimento escolar do seu filho ?

.....
.....
.....

6 – Você tem o hábito de leitura ?

- sim não

7- Qual a sua opinião sobre o trabalho desenvolvido pelos profissionais da escola do seu filho (a) ?

Professora.....
Diretora.....

Questionário - Professores

- Data da entrevista...../...../.....
- Nome do entrevistado.....
- Formação :.....
- Escola em que atua.....
- Tempo de exercício na docência.....
- Jornada de trabalho semanal.....
- Série em que atua:.....

1 - Como você seleciona os conteúdos e elabora as atividades para a sua classe ?

.....

.....

.....

.....

.....

2 - Quais as fontes de pesquisa que você utiliza para elaborar suas atividades pedagógicas?

.....

.....

.....

.....

3 - Como você avalia o desempenho das aulas desenvolvidas com seus alunos?

.....

.....

.....

.....

4 -Quais os maiores desafios encontrados no processo de ensino e aprendizagem com os seus alunos ?

.....

.....

.....

.....

5 - Como você avalia a participação dos pais na vida escolar de seus alunos ?

.....
.....
.....

6 – Na sua opinião quais as desvantagens da ausência dos pais na escola ?

.....
.....
.....
.....

7 - Que recursos você costuma utilizar como suporte diante das dificuldades de aprendizagens de seus alunos ?

.....
.....
.....

8 - Você gostaria de fazer mais alguma consideração sobre os desafios enfrentados no processo de ensino e aprendizagem dos seus alunos ?

.....
.....
.....
.....

Questionário - Gestora

- Data da entrevista...../...../.....
- Nome do entrevistado.....
- Formação :.....
- Escola em que atua.....
- Tempo de exercício na gestão.....
- Jornada de trabalho semanal.....

1 - Como você avalia o desempenho da atuação do corpo docente da sua escola ?
.....
.....
.....

2- De que maneira a comunidade ajuda na melhoria do ensino e do funcionamento da instituição?
.....
.....
.....

3 - Em sua opinião, quais os principais fatores que distanciam a comunidade da escola?
.....
.....
.....

4 - Como a comunidade se comporta diante dos problemas existentes na unidade? Explique.
.....
.....
.....

5 - Quais as desvantagens da falta de participação da comunidade dentro de uma instituição escolar ?

.....
.....
.....

6 - Como é formado o Conselho escolar da escola que você direciona ?

.....
.....
.....

7- Você já convocou alguma reunião para tratar de problemas envolvendo dificuldade educacional de aluno na escola?

() sim b- () não

8 - como você acha que um diretor (a) de escola pode resolver os problemas existentes na escola ?

- () sozinho
- () com os professores
- () com a Secretaria de Educação
- () com o conselho Escolar
- () com toda a comunidade escolar (pais, alunos, professor, funcionários e direção)

6º) Você acredita que a participação dos pais na escola contribui para a melhoria da qualidade do ensino? Justifique.

.....
.....
.....
.....

Obrigada pela contribuição